

Intelectuais, discursos e plataformas: IA, Humanidades Digitais e a esfera pública na América Latina

Apresentação do dossiê

Rafael Laguardia

Doutor em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira (PPGH Universo), Brasil
rafaellaguardia1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7998-2665>
<http://lattes.cnpq.br/4434437830455815>

Rafael Dias de Castro

Doutor em História das Ciências pela Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), Brasil
Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Brasil
rafael.castro@unimontes.br
<https://orcid.org/0000-0003-3101-3253>
<https://lattes.cnpq.br/0378705018243200>

A proposta do dossiê teve como intuito reunir pesquisas voltadas à análise crítica dos efeitos das tecnologias digitais sobre a produção do conhecimento e trabalho docente. Os artigos reunidos discutem como as novas tecnologias digitais interferem nas variadas esferas desde as etapas da pesquisa acadêmica, passando pelo contexto social até a prática docente em campos que disputam a legitimidade dos discursos nas plataformas digitais ou em documentos, marcando desigualdades e conflitos.

Nos últimos anos, a historiografia vem se ocupando de debates relacionados aos avanços em Inteligência Artificial (IA) e todo seu impacto no campo das humanidades, do ensino e das dinâmicas sociais que envolvem redes, sujeitos, tecnologias e diferentes agenciamentos e possibilidades de análises e suas interligações. O historiador Rodrigo Bonaldo (2024), por exemplo, vem demonstrando em seus estudos, de forma intensa e crítica, como o Processamento de Linguagem Natural (PLN) têm revolucionado a forma como lidamos com grandes volumes de dados textuais e como

essas tecnologias possibilitam novas formas de análise, permitindo a identificação de padrões e a reconstrução de significados históricos em larga escala. A historiadora Anita Lucchesi (2024), há tempos, vem demonstrando como o componente digital produz interferências (do ponto de vista da autora, não necessariamente positivas ou negativas) na operação historiográfica como um todo, “intervindo em todas as fases da escrita da história, da etapa documental e de análise à publicação e difusão do conhecimento histórico em geral” (p. 256).

Fato é que, no campo da História e das humanidades, em geral, diferentes pesquisas exploram a dimensão subjacente às narrativas e suas interações com diferentes abordagens em relação à história digital e a inteligência artificial. Diferentes aspectos dessas relações são colocados em evidência, se transformando em parâmetros críticos e variáveis importantes em tais reflexões: a historicização da IA na pesquisa das humanidades, situando-a no arco de métodos computacionais; o exame, do ponto de vista da produção dos discursos e da ética, sob vieses e transparência algorítmica (autoria, plágio, responsabilidade); análises sobre a formação do pensamento crítico e o ensino de Humanidades com IA; crítica às fontes, métodos e possibilidades digitais (texto, imagem, som; *close/distant reading*; reprodutibilidade, dados abertos); a esfera pública digital, mediações algorítmicas e o papel dos intelectuais nessas interlocuções; identificação de possibilidades e limitações dos usos dos novos recursos tecnológicos diante das diversidades e desigualdades sociais; dentre tantas outras problemáticas.

Com satisfação, recebemos um número expressivo de submissões, das quais doze foram aprovadas após a avaliação dos pareceristas. Embora tratem de objetos bastante distintos, os artigos convergem em um ponto: as tecnologias digitais não podem ser tomadas como instrumentos neutros. Procedimentos matemáticos e estatísticos podem conferir aos seus resultados uma aparência de objetividade, reintroduzindo, sob nova forma, uma confiança excessiva nos dados, a ponto de abandonar a teoria, como alertou Gil (2024).

Os textos, em seu conjunto, destacam que a análise crítica e mediação humana não foram superados pelos algoritmos, ainda que possam estar presentes em todas as fases da pesquisa ou no contexto social em análise e em disputa. Neste dossiê, essa insinuação cai por terra e, longe de confiar plenamente em máquinas produzindo conhecimento, a crítica a esse tipo de produção se impõe já na origem da pesquisa.

Diante da variedade de objetos, foi preciso estabelecer uma ordem da disposição dos artigos no dossiê, sendo que diversos critérios poderiam ser adotados. Optamos, nesse interim, por organizá-los frente à grandes perguntas que esses textos respondem diretamente ou cuja resposta ajudam a subsidiar. Isso não significa que o artigo foi feito para responder a essas questões, pois cada texto tem sua problematização específica. As questões as quais nos referimos foram estabelecidas para nos ajudar a definir tanto os agrupamentos, conforme suas relações, como a ordem dos artigos no dossiê.

Assim, os primeiros textos nos parecem responder a seguinte questão: O que é a IA e como ela pode servir como ferramenta de pesquisa? O texto “Humanidades Digitais e Inteligência Artificial: fronteiras e convergências de um debate inadiável,” de George Leonardo Seabra Coelho, examina as interfaces entre as Humanidades Digitais (HD) e Inteligência Artificial (IA), com base em revisão bibliográfica, tais pesquisas contestam a ideia de que a IA seria uma ferramenta neutra no tratamento das fontes. A discussão se encadeia no texto seguinte “Por uma Inteligência Artificial actante: entre críticas apocalípticas e a potencialidade de agenciamento epistemológico nas redes sociotécnicas,” de Thainá Saciloto Paulon e Morgana Machado, em um estudo que define a IA como um actante que participa ativamente da constituição do social e que deve ser pensada com, e não apenas contra.

Nova questão pode ser formulada ao analisar outro módulo de textos: Como a mediação digital altera as informações, as fontes e os métodos de pesquisa? “Mediação algorítmica da evidência histórica: o HTR no Arquivo Nacional brasileiro” de Carolina Moraes Souza e João Gabriel Moraes Souza, um texto que ocupa um ponto nodal nessa discussão, pois discute como o HTR modifica a legibilidade, o acesso e a própria constituição das informações. Outro texto é o de Alessandro Santos da Rocha e Italo Ariel Zanelato, “Entre papéis e algoritmos: desafios metodológicos da História da Educação nas Humanidades Digitais”. Uma análise de como OCR e CAQDAS interferem na seleção, na visibilidade e na interpretação das fontes. No texto “Do arquivo ao algoritmo: descrição metodológica de uma pesquisa de grande volume de dados em educação”, de Fernando Zanetti, Karine Miranda e Gabriel Philippe Martins Correa, visualizamos uma proposta que apresenta uma experiência concreta de automação da organização e da análise documental. Por fim, em “Narrar o passado com algoritmos”, de Gabriel Antonio Butzen e Tereza M. Spyer Dulci, as autorias reprocessam os problemas da autoria e da validade das narrativas históricas produzidas por IA.

No encadeamento, uma nova pergunta é compilada: Como as tecnologias digitais transformam o trabalho e a autoridade docente? “Plataformização da Educação e Colonialismo Digital: o caso da plataforma Geekie,” de Rodrigo Lima Ribeiro Gomes, Helton Messini da Costa e Reginaldo Scheuermann Costa, apresentam uma análise das mudanças nas condições de trabalho docente produzidas pelas plataformas educacionais. Em “Acadêmico ou Prompt-Maker? A Disputa pela Autoridade Intelectual Docente e a Esfera Pública Plataformizada na América Latina”, Bruno Galasso examina diretamente a reconfiguração da autoridade intelectual do professor diante da IA generativa, um texto que incide no núcleo dessa relação. Outro texto, “Tecnorrealismo e apropriação crítica: IA generativa no ensino de História na América Latina” de Felipe Cittolin Abal, propõe formas de apropriação crítica da IA que preservem a mediação e a autonomia docente.

Uma questão que encapsula a parte final do dossiê releva como as plataformas reorganizam conflitos e memórias. O texto “A tarefa dos feminismos de nomear as violências contra as mulheres”, de Ana Cristina Frias, realiza uma análise sobre os discursos de ódio que surgem no digital, e como o território digital, que promoveu avanços sobre os direitos das mulheres, também é o ambiente que mais propaga misoginia na atualidade. O texto “Redes de Afetos: uma análise sobre o papel das mídias sociais como tecnologia política durante a última década,” de Lia Beatriz Torraca, examina a compreensão da atuação dos afetos nas experiências digitais algoritmicamente configuradas nas estratégias de marketing político utilizadas pela extrema-direita. Para fechar a arquitetura do dossiê como um código depurado, o texto “Incivilidade online e cancelamento póstumo: a morte do Papa Francisco nas disputas discursivas na plataforma X,” de Diogo Pereira da Silva, identifica duas estratégias discursivas predominantes: a deslegitimação da autoridade papal associada à construção do Papa como inimigo simbólico, e o escárnio vinculado à negação do luto.

Acreditamos que os leitores e pesquisadores que se debruçarem sobre esse dossiê encontrarão uma base consistente de discussão e reflexão da atual realidade da pesquisa acadêmica, no âmbito das humanidades, que passa a ser definitivamente reconfigurada por essa reformatação tecnológica. Desejamos uma boa leitura.

Referências bibliográficas

- BONALDO, Rodrigo (2024). As palavras e os tokens: projeção vetorial aplicada ao estudo da semântica dos tempos históricos. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 27, p. 7–50, 2024.
- GIL, Tiago Luís (2024). Sobre big data e neopositivismo digital na pesquisa em História. *Almanack*, Guarulhos, n. 36, e00124, 2024. DOI: 10.1590/2236-463336ep00124.
- LUCCHESI, Anita (2024). Condições de produção da História em tempos de interferências digitais: a contribuição da hermenêutica da prática. In: MONTEIRO, Jaislan; QUEIROZ, Teresinha; FERREIRA, Ronyere (orgs.). *História: teorias, metodologias e itinerários contemporâneos*. Teresina: Editora Cancioneiro.

Declaração de Uso de Inteligência Artificial Generativa

Os autores do artigo acima identificado declaram que ao longo da elaboração deste manuscrito foi utilizada a seguinte ferramenta de inteligência artificial: Claude (Anthropic), com a finalidade de: revisão de linguagem — aprimoramento do estilo textual e da clareza. Após o uso da ferramenta, os autores revisaram e editaram criticamente todo o conteúdo, assumindo total e integral responsabilidade pelo manuscrito publicado, inclusive por eventuais imprecisões ou incorreções.